

Artigo original

ESTRATÉGIAS DE NOMINALIZAÇÕES DEVERBAIS DE CLASSES NÃO HUMANAS NO CINYANJA

Ronaldo Rodrigues de Paula¹  e Kondwani Inoque Bewala² 

¹Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul, Brasil

²Academia Militar 'Marechal Samora Machel' – Nampula, Moçambique

RESUMO: Este artigo visa descrever os processos de nominalização deverbal no Cinyanja relativos às classes nominais distintas das classes 1 e 2. A derivação de nomes a partir de classes humanas é um processo produtivo na língua para a formação de substantivos agentivos a partir de verbos, por meio da afixação de prefixos das referidas classes e da vogal final –i como em *m-phunzits-i* (professor) derivado do verbo *ku-phunzits-a* (ensinar) (MCHOMBO, 2017). As nominalizações construídas a partir de prefixos das classes nominais distintas das classes 1 e 2 não formam nomes agentivos, mas denotam a própria eventividade expressa pelo verbo ou a maneira de se desempenhar tal eventividade. Tomemos como exemplo o nome 'sonho' *lot-o* derivado do verbo 'sonhar' *ku-lot-a*, formado a partir da classe 5, um prefixo nulo, e a vogal final – o. Também o nome 'louvor' derivado do verbo 'louvar': *ku-tamand-a*, construída com o prefixo da classe 7: *ci-tamand-o*, ou ainda o nome 'cura' *n-ciz-o* da classe 3, derivado do verbo 'curar' *ku-ciz-a*. Também, apuramos outra forma, construída a partir do prefixo da classe 14 com a vogal final –o, *u-phunzits-o* 'maneira de ensinar'. Constatamos que, independentemente da nominalização deverbal singular utilizada, o plural será o prefixo de classe nominal 6 "ma-", assim temos *ma-lot-o*, *ma-tamand-o*, *ma-ciz-o* e *ma-phunzits-o*, respectivamente. Usou-se o método introspectivo, uma vez que o coautor é falante nativo e o método bibliográfico, buscou-se o material disponível. O principal objetivo deste artigo é descrever os processos de nominalização referidos e seus contextos de uso pertinentes.

Palavras-chave: Cinyanja, classes não humanas, nominalizações deverbais.

STRATEGIES FOR VERBAL NOMINALIZATIONS OF NON-HUMAN CLASSES IN CINYANJA

ABSTRACT: This article aims to describe the processes of verbal nominalization in Cinyanja relating to nominal classes distinct from classes 1 and 2. The derivation of nouns from human classes is a productive process in the language for the formation of agentive nouns from verbs, through from the affixation of prefixes of the aforementioned classes and the final vowel –i as in *m-phunzits-i* (teacher) derived from the verb *ku-phunzits-a* (teach) (MCHOMBO, 2017). Nominalizations constructed from prefixes of nominal classes distinct from classes 1 and 2 do not form agentive nouns, but denote the very eventivity expressed by the verb or the way in which such eventivity is performed. Take as an example the name 'dream' *lot-o* derived from the verb 'to dream' *ku-lot-a*, formed from class 5, a null prefix, and the final vowel – o. Also the name 'praise' derived from the verb 'to praise': *ku-tamand-a*, constructed with the prefix of class 7: *ci-tamand-o*, or even the name 'cure' *n-ciz-o* of class 3, derived from the verb 'to heal/to cure' *ku-ciz-a*. We also found another form, built from the class 14 prefix with the final vowel –o, *u-phunzits-o* 'way of teaching'. We note that, regardless of the singular deverbal nominalization used, the plural will be the prefix of nominal class 6 "ma-", thus we have *ma-lot-o*, *ma-tamand-o*, *ma-ciz-o* and *ma-phunzits-o*, respectively. The introspective method was used, since the co-author is a native speaker, and the bibliographic method was used to search for available material. The main objective of this article is to describe the aforementioned nominalization processes and their relevant contexts of use.

Keywords: Cinyanja, non-human classes, verbal nominalizations.

Correspondência para: (correspondence to:) ronaldorodriguesdepaula@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Cinyanja, (N3) segundo a classificação de Guthrie (1967), é uma língua que pertence ao grupo das línguas Bantu, falada em Moçambique, maioritariamente nas Províncias do Niassa (Distritos do Lago, Mecanheles e Mandimba); Tete (Distritos de Angónia, Macanga, Zumbo, Tsangano e Moatize) e Zambézia (no distrito de Milange), bem como nalguns países vizinhos, como são os casos do Malawi, Zâmbia, Zimbabwe e Tanzânia.

As línguas classificadas como línguas Bantu são uma subdivisão da família Benue-Cross ou Semibantu do tronco linguístico Nígero-congolês, previamente chamado de Níger-kordofaniano de acordo com a classificação proposta por (GREENBERG, 1966). São línguas autóctones de vasta região subsaariana da África, ocupando grande parte da África meridional, central e oriental. Mais especificamente, são faladas "da fronteira marítima nígero-cameruniana, no Oeste, até o litoral fronteiriço somálio-queniano, no Leste, e a partir desse ponto até as proximidades de Port-Elizabeth, no Sul (...)" (LWANGA-LUNYIIGO; VANSINA, 1988/2010, p. 169).

O *Time Atlas of the World* (1999), citado em Nurse e Philippson (2003), afirmava, na época de sua edição, que mais da metade dos cerca de 750 milhões de africanos eram falantes de línguas Nígero-congolesas e aproximadamente um em cada três africanos falam línguas Bantu. A penúltima versão do *Etnologue: languages of the world* (2009) ¹ apontava que a família Níger-congo ² agrupava 1.510 línguas, sendo a maior família linguística conhecida no planeta. Dentre elas, apenas o sub-ramo Bantu possuía 522 línguas catalogadas.

A difusão do tronco Nígero-Congolês, com suas famílias, está esquematizada na Figura 1 a seguir. Note que este tronco linguístico se estende pela África subsaariana, e também pela região do Kordofan no Sudão, com a família kordofaniana. De acordo com Greenberg (1981/2010), um elemento bastante característico deste tronco linguístico é a existência de classes nominais.³

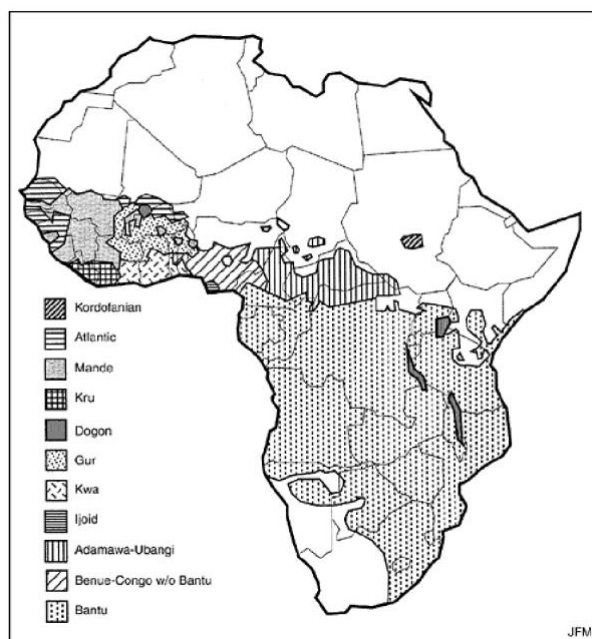


Figura 1: Família Níger-Congo
Fonte: Nurse e Philippson (2003, p. 2.)

O termo Bantu pode ser traduzido como 'gente', 'pessoas', 'humanos' e está relacionado, grosso modo, com todas as línguas que têm em comum no léxico o substantivo 'ntu' (e variações) com o prefixo plural da classe nominal 2 'ba' (e variações). Foi inicialmente proposto por William Bleek (1862, 1869) e tem sido, desde então, um termo amplamente difundido e utilizado entre linguistas, historiadores, antropólogos e outros pesquisadores para se referir a todas essas línguas correlacionadas.

A afirmação segundo a qual as línguas são aparentadas pode ser comprovada pela percepção de que as diferenças entre elas são sempre regulares e sistemáticas. Essa sistematicidade e regularidade apontaram para uma nítida derivação de um antecedente comum e descartaria que as várias características mútuas dessas línguas, em aspectos fonológicos, lexicais, sintáticos e morfossintáticos, dentre outros, fossem fruto meramente de contato mútuo, empréstimos ou mesmo acaso. Dentre as semelhanças inegáveis das línguas Bantu, podem ser destacados, por exemplo, os prefixos nominais que são característicos das classes distintas, nas quais todos os substantivos dessas línguas se agrupam. Eles são responsáveis, por exemplo, pela regência das concordâncias verbais e de número, formação de adjetivos, pronomes etc. Também pode ser destacado como a estrutura do verbo se organiza nessas línguas, com prefixo, marca, infixo, raiz, extensões verbais e vogal final, e como as funções dessas partes são semelhantes nas línguas e o modo da formação deverbal de nominalizações, dentre outros aspectos (LWANGA-LUNYIIGO; VANSINA, 1988/2010). O presente artigo intenciona, precisamente, investigar os processos de formação de substantivos deverbais da língua Cinyanja.

Em relação a esta língua, como já bem explorado na literatura, a derivação de nomes a partir de classes humanas é um processo produtivo na língua (MCHOMBO, 2017). Deste tipo de nominalização resultam substantivos agentivos a partir de verbos, por meio da afixação de prefixos das referidas classes e da vogal final –i. Conforme exemplo em (1):

- | | | |
|-------------------------|---|---------------------|
| 1) <i>ku-phunzits-a</i> | → | <i>m-phunzits-i</i> |
| CN15-ENSINAR-VF | | CN1-ENSINAR-VF |
| “ensinar” | | “professor” |

Neste artigo, no entanto, pretendemos descrever mais especificamente os processos de nominalizações deverbais a partir de outras classes nominais, tais como as classes 3, 5, 7, 12, 14 e respectivos plurais. As nominalizações construídas a partir destes prefixos não formam nomes agentivos, mas denotam a ação expressa pelo verbo ou a maneira de se desempenhar a eventividade denotada pelo mesmo. Nessas nominalizações não se utiliza a vogal final –i e a raiz pode receber diferentes extensões verbais, conforme exemplo em (2):

Tomemos como exemplo a derivação do nome ‘sonho’ a partir do verbo ‘sonhar’

- | | | | | |
|---------------------|---|---------------|---|-----------------|
| 2) <i>ku-lot-a.</i> | → | <i>lot-o</i> | → | <i>ma-lot-o</i> |
| CN15-SONHAR-VF | | CN5.SONHAR-VF | | CN6-SONHAR-VF |
| “sonhar” | | “sonho” | | “sonhos.” |

Note que a formação do substantivo deverbal é feita pelo afixo de classe nominal 5, um afixo nulo neste caso, e pelo acréscimo da vogal final – o com respectivo plural na classe 6. No entanto, atestamos que nem sempre o nome derivado é feito por intermédio do prefixo da classe 5, conforme os exemplos em (3) e (4):

- | | | | | |
|-----------------------|---|--------------------|---|--------------------|
| 3) <i>ku-tamand-a</i> | → | <i>ci-tamand-o</i> | → | <i>ma-tamand-o</i> |
| CN15-LOUVAR-VF | | CN7-LOUVAR-VF | | CN6-LOUVAR-VF |
| “louvar” | | “louvor” | | “louvores” |
| | | | | |
| 4) <i>ku-ciz-a</i> | → | <i>n-ciz-o</i> | → | <i>ma-ciz-o</i> |
| CN15-CURAR-VF | | CN3.CURAR-VF | | CN6-CURAR-VF |
| “curar” | | “cura” | | “curas.” |

Note que o substantivo ‘louvor’ a partir do verbo ‘louvar’ é formado com o prefixo da classe 7. Já a formação do substantivo ‘cura’ a partir do verbo ‘curar’ é feita por meio de prefixo da classe 3. Todavia, independente do prefixo utilizado na formação do nome deverbal singular, o plural é sempre feito pelo prefixo de classe 6.

Outro processo de nominalização deverbal é o que deriva nomes “a maneira de”. Esse tipo de nominalização é produtiva com o prefixo da classe 12 para o singular e na classe 6 para o plural com a concomitante sufixação da extensão passivizadora *-idw* e a vogal final *e*: Conforme exemplo em (5) (MCHOMBO, 2017):

- | | | | | |
|------------------------|---|-------------------------|---|-------------------------|
| 5) <i>ku-yendets-a</i> | → | <i>ka-yendets-edw-e</i> | → | <i>ma-yendets-edw-e</i> |
| CN15-DIRIGIR-VF | | CN12.DIRIGIR-PAS-VF | | CN6-DIRIGIR-PAS-VF |
| “dirigir” | | “maneira de dirigir” | | “maneiras de dirigir” |

Apuramos, no entanto, outra forma ativa na língua, porém menos produtiva, de formação da nominalização “a maneira de”. Ela é formada a partir do prefixo de classe 14 com a vogal final *-o*. Tomemos o verbo ‘ensinar’: *ku-phunzits-a*. A nominalização ‘maneira de ensinar’ pode ser expressa no Cinyanja de duas formas, conforme exemplos em (6):

- | | | | | |
|-------------------------|---|--------------------------|---|----------------------|
| 6) <i>ku-phunzits-a</i> | → | <i>ka-phunzits-idw-e</i> | → | <i>u-phunzits-o</i> |
| CN15-ENSINAR-VF | | CN12.ENSINAR-PAS-VF | | CN14-ENSINAR-VF |
| “ensinar” | | “maneira de ensinar” | | “maneira de ensinar” |

Mais uma vez, independentemente da nominalização deverbal singular utilizada, o plural será feito com o prefixo de classe nominal 6 e sufixação de *-idwe*: *ma-phunzits-idw-e*.

O objetivo deste capítulo é examinar as nominalizações deverbais de classes não humanas tentando estabelecer seus contextos de uso.

QUADRO TEÓRICO

Ainda que nossa proposta seja de apresentar um trabalho de natureza mais descritiva, pode se dizer que este trabalho se insere de modo mais amplo dentre o construto teórico da Linguística Cognitiva. De acordo com Langacker (1987), três perspectivas são centrais para este construto teórico:

- 1- A estrutura semântica não é universal; ela é linguagem-específica até certo nível. Além disso, a estrutura semântica é baseada em imagens convencionais e é caracterizada relativamente às estruturas de conhecimento.
- 2- A gramática (ou sintaxe) não constitui um nível formal autônomo de representação. No lugar disso, a gramática é simbólica por natureza, consistindo da simbolização convencional da estrutura semântica.
- 3- Não há distinção significativa entre a gramática e o léxico. Léxico, morfologia e sintaxe formam um contínuo de estruturas simbólicas que se diferem ao longo de vários parâmetros, mas que podem ser divididos em componentes separados apenas arbitrariamente. (LANGACKER, 1987, p. 3)⁴

Ainda de acordo com o autor, a gramática cognitiva reconhece a natureza simbólica da língua. Desta forma, as expressões linguísticas resultam das associações da representação semântica com a realização fonológica. Nesta abordagem, a língua é vista como parte da cognição humana, e, portanto, a postulação de um módulo separado para a faculdade da linguagem na mente não se faz necessário. Neste sentido, a língua deriva-se de funções cognitivas mais gerais da mente em um fenômeno psicológico mais amplo. Visto como conceptualização, o significado é o alicerce no qual a língua é construída e é um fenômeno essencialmente cognitivo. A gramática é responsável por reunir o conteúdo semântico de suas partes significativas básicas, tais como morfemas em unidades significativas maiores e inerentemente simbólicas. Devido a sua natureza conceitual, uma análise prototípica do fenômeno linguístico é considerada preferencial no lugar dos julgamentos categóricos vistos em outras correntes (LANGACKER, 1987).

Como veremos mais adiante, o elemento essencial que propomos para a distinção entre dois tipos diferentes de nominalizações na língua Nyanja é de base sociocultural. Tendo isso em vista, ao menos nos aspectos que se referem a mapeamentos metafóricos que são base das mais variadas interações linguísticas rotineiras nas línguas naturais, vários trabalhos já demonstraram como eles tiveram origem em questões culturais específicas de determinados povos. Apenas para citar alguns, Kövecses (2010) atesta que na língua Zulu, a raiva é entendida como tida no coração. Matsuki (1995), por outro lado, aponta que no japonês a raiva está relacionada com o conceito de hara (barriga). Yu (1998) aponta diferenças entre metáforas para felicidade usadas pelos chineses (ter flores no coração) e pelos estadunidenses (estar fora do chão), como reflexos do caráter introvertido dos primeiros em contraste com o caráter extrovertido dos últimos. Charteris-Black (2003) analisa usos figurativos de partes orais do corpo como boca, lábio e língua nas línguas inglesa e malaia e demonstra que pressões culturais e preferências estilísticas fazem com que esses usos sejam voltados para a metonímia na língua inglesa e para a metáfora, na língua malaia. Shore (1995) mostra como os esquemas imagéticos de frente-trás e centro-periferia para os samoanos são influenciados pela disposição espacial de suas vilas costeiras, com a frente das casas direcionadas para o mar e os fundos direcionados para uma estrada seguindo o litoral em direção à selva. Em geral, a frente para os samoanos significaria alto escalão, a autoridade social e restrita, a organização social, a autoridade dos chefes de aldeia e comportamento digno, visível publicamente, enquanto a parte de trás estaria associada à baixa hierarquia e comportamento impulsivo, sem sofisticação ou até antissocial. O padrão centro-periferia determina um escalão gradual de dignidade, ordem e formalidade, pois quanto mais ao centro mais reservado para os chefes da vila e para o sagrado.

Tendo isso em mente, a seguir descreveremos as classes nominais nas línguas Bantu e do Cinyanja em particular, uma vez que essas classes estão estritamente imbricadas nas nominalizações que serão apresentadas adiante, bem como suas possíveis motivações semânticas a partir do Proto-Bantu.

CLASSES NOMINAIS NAS LÍNGUAS BANTU

As chamadas classes nominais são subdivisões de ordem morfossintática e semântica em que o léxico de determinada língua se agrupa. Elas são um traço distintivo do tronco linguístico Nígero-congolês e se manifestam por meio de afixos⁵ anexados a raízes lexicais. A nível flexional, as classes nominais comandam a formação de singular e plural nas línguas e não raro vários

padrões de concordância sintática. De acordo com Dimmendaal (2011), o status gramatical dos afixos marcadores de classes nominais varia entre marcadores definidos ou marcadores inflexionais obrigatórios, independentemente do papel sintático ou pragmático do nome ao qual eles se vinculam. Além disso, a variar a língua, eles podem se realizar como prefixos, sufixos, proclíticos ou enclíticos. Existe variação entre as famílias do tronco Nigero-Congolês em relação à realização ou não de concordância sintática desencadeada pelas classes nominais e a realização dos afixos das referidas classes nos nomes das línguas. Existem línguas que perderam a realização dos afixos nominais, mas mantiveram os padrões de concordância sintática por eles engatilhados, outras mantiveram a realização desses afixos, todavia perderam os padrões de concordância e ainda outras que mantiveram tanto os afixos como os padrões de concordância, como acontece, por exemplo, na maioria das línguas do subgrupo Bantu.

Em nível derivacional, as classes nominais podem formar nomes diferentes a partir de uma mesma raiz lexical e estão envolvidas de formas distintas nos processos de transformação e criação de novas palavras no léxico, como veremos no caso das nominalizações deverbais.

Voltando nossa atenção para as línguas do subgrupo linguístico Bantu, abaixo apresentamos a Tabela 1 que mostra as principais propostas de reconstrução dos prefixos definidores das classes nominais a partir do Proto-Bantu.

Tabela 1 – Principais propostas de reconstrução dos prefixos nominais do Proto-Bantu

	Bantu Antigo De Bleek (BLEEK 1869: 282ff.)	Ur-Bantu De Meinhof (MEINHOF & VAN WARMELO 1932:39ff.)	Proto-Bantu De Meeussen (MEEUSSEN 1967:97)	Proto-Bantu De Guthrie (GUTHRIE 1971:9)	Proto-Bantu De Welmers (WELMERS 1973)
1	*mũ -	*mu-	*mu-	*mɔ -	*mo-; 1a Ø
2	*ba-	*ka-	*ba-	*ba-	*va-; 2a va
3	*mũ -	*mu-	*mu-	*mɔ -	*mo-
4	*mi-	*mi-	*mi-	*mɛ-	*me-
5	*di- ~ *li-	*li-	*i	*yi-	*le-
6	*ma-	*ma-	*ma-	*ma-	*ma-; *ma-
7	*ki-	*ki-	*ki-	*kɛ-	*ke-
8	*pi-	*vî-	*bɨ -	*bi-	*vi-; 8x *li
9	*n	*ni-	*n-	*ny-	*ne-
10	*thin-	*lî-ni-	*n-	*ny-	*li-ne
11	*lu-	*lu-	*du-	*dɔ-	*lo-
12	*ka- (13)	*ka- (13)	*ka-	*ka-	*ka-

	Bantu Antigo De Bleek (BLEEK 1869: 282ff.)	Ur-Bantu De Meinhof (MEINHOF & VAN WARMELO 1932:39ff.)	Proto-Bantu De Meeussen (MEEUSSEN 1967:97)	Proto-Bantu De Guthrie (GUTHRIE 1971:9)	Proto-Bantu De Welmers (WELMERS 1973)
13	*tu- (12)	*tu- (12)	*tu	*tɔ-	*to
14	*bu-	* <u>u</u> -	*bu-	*bɔ-	*vo-
15	*ku-	*ku-	*ku-	*kɔ-	*ko-
16	*pa-	*pa-	*pa-	*pa-	*pa-
17	-	*ku-	*ku-	*kɔ-	*ko-
18	-	*mu-	*mu-	*mɔ -	*mo-
19	-	*pî-	*pɪ-	*pi-	*pi-
20	-	*yu	-	-	*yo-
21	-	*yî	-	-	*yi-
22	-	-	-	-	*ya-
23	-	-	i- (24)	-	*ye-

Fonte: Maho, 1999 apud Katamba, 2003, p. 104 adaptado.

Vejamos alguns exemplos da estrutura bimorfêmica (prefixo nominal - raiz lexical) dos nomes e de paridades singular/plural engatilhadas pelas classes nominais na língua Chewa⁶ (MCHOMBO, 2017, p. 516):

(7) *chi-soti* → *zi-soti*
CN7-chapéu CN8-chapéu
“chapéu” “chapéus”

(8) *m-kôndo* → *mi-kôndo*
CN3-lança CN4-lança
“lança” “lanças”

Como os exemplos (7) e (8) atestam, a formação de singular e plural é feita pela afixação de um morfema a uma raiz lexical. A recorrência desses morfemas determina o pertencimento a uma determinada classe.

A seguir temos um exemplo de como as classes nominais engatilham afixos de concordância. Especificamente em (9) temos um exemplo de concordância entre sujeito e demonstrativo e sujeito e verbo. As classes nominais engatilham parâmetros de concordância nominal e verbal.

(9) *Concordância verbal e demonstrativa*

a) *li-tchowa* *li-ja* *li-na-gwa.*

CN5-batedor de mosca “Aquele batedor de mosca caiu.”	CN5-DEM	CN5-MTA-cair
b) <i>ma-li-tchowa</i>	<i>a-ja</i>	<i>a-na-gwa.</i>
CN6-CN5-batedor de mosca “Aqueles batedores de mosca caíram.”	CN6-DEM	CN1-MTA-cair

(MSAKA, 2019, p.27)

Uma mesma raiz lexical pode ter sentidos diferentes se for anexada morfemas de classes nominais diferentes, como fica claro pelos exemplos em (10) do Chichewa.

(10) Raiz lexical -nthu

- | | | |
|--|---|--|
| a) <i>mu-nthu</i>
CN1-ser
“pessoa” | → | <i>wa-nthu</i>
CN2-ser
“pessoas” |
| b) <i>ci-nthu</i>
CN7-ser
“coisa” | → | <i>zi-nthu</i>
CN8-ser
“coisas” |
| c) <i>ka-nthu</i>
CN12-ser
“coisa pequena” | → | <i>ti-zi-nthu</i>
CN13-CN8-ser
“coisas pequenas” |
| d) <i>u-mu-nthu</i>
CN14-CN1-ser
“personalidade” | | |

(MSAKA, 2019, p. 53).

A partir dos dados em (10) é possível perceber que o sentido dos substantivos é feito de forma composicional entre o prefixo da classe nominal e a raiz lexical. O que nos leva a considerar qual é o papel semântico dos prefixos formadores das classes nominais em primeiro lugar.

Uma proposta interessante de alocação das classes nominais em categorias semânticas foi feita por Denny e Creider (1986). Para os autores, as classes nominais podem ser associadas com sentidos configuracionais e de forma. Os autores se concentraram primeiramente em dados que Guthrie reconstruiu como pertencentes ao Proto-Bantu. Destes dados, utilizaram, em sua maioria, substantivos concretos. Os substantivos abstratos foram deixados em segundo plano no estudo, pois enorme porcentagem destes substantivos se concentra na classe 14, com poucos sendo distribuídos em outras classes nominais. De acordo com os pesquisadores, em relação aos nomes contáveis, a primeira divisão é entre os que são de “tipos” e os que são de “configuração espacial”. Na categoria de “tipos” existe outra subdivisão entre animados (classes 1,2,9,10) e objetos (classes 7,8) e dentre os animados, temos a subdivisão entre animais (classes 7,8) e humanos (classes 1,2). Na categoria de “configuração espacial” também há duas subdivisões: figura sólida (classes 3,4,5,6 e 14) e figura de contorno (classes 9,10 e 11). A diferença entre forma de contorno e forma sólida é um contraste entre objetos que têm perfis, bordas ou limites claros, de modo que há uma diferença entre o exterior e o interior, e objetos que não têm essa característica. Outra subdivisão relevante dessas categorias é a forma estendida ou não estendida. A forma estendida basicamente indica que uma ou duas dimensões do objeto são desproporcionais em relação à(s) outra(s). Já a forma não estendida indica que o objeto não apresenta a característica da forma estendida e pode ser

caracterizado como um objeto com formas mais arredondadas, salientes, curvadas ou agrupadas. A essência da proposta dos autores se encontra na figura 2 a seguir:

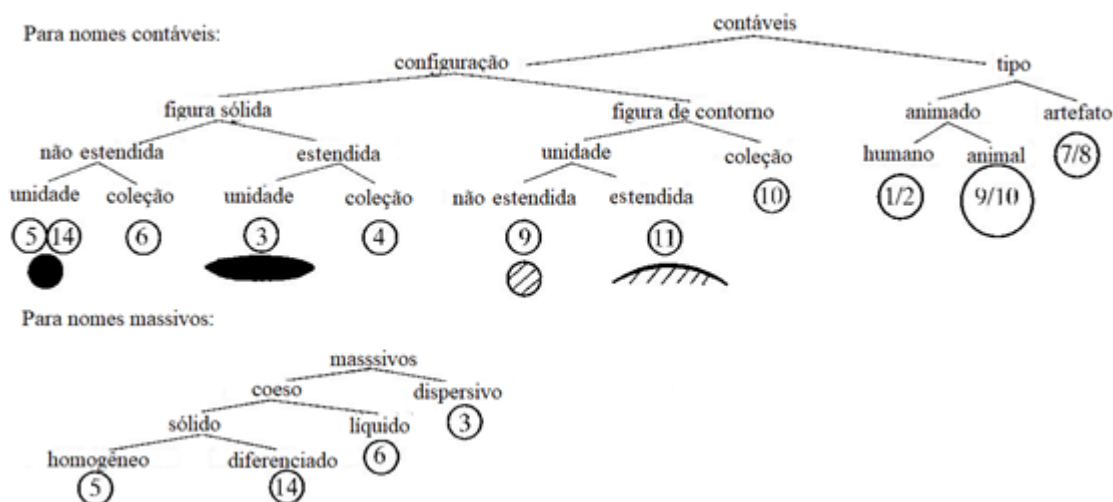


Figura 2: Semântica nominal do Proto-Bantu

Fonte: Denny e Creider 1986, p. 219, adaptado.

Para os propósitos deste artigo, interessa destacar apenas o fato de que as classes não humanas que apareceram nos dados foram as classes 3, 5, 7, para nominalizações que denotam a eventividade expressa pelo verbo, e as classes 12 e 14 para as nominalizações “a maneira de”. As classes 3 e 5 se referem a figuras sólidas variando entre estendida e não estendida, respectivamente, e a classe 7 se refere à artefatos. Como a nominalização de verbos nem sempre resulta de um objeto palpável e concreto, não é fácil apontar um direcionamento semântico nos dados para uma ou outra classe nas nominalizações resultantes. Já a classe 14, diferentemente da classe 12, concentrava a maior parte de substantivos abstratos no Proto-Bantu, o que pode dar uma boa pista do tipo de direcionamento semântico resultante no processo de nominalização.

CLASSES NOMINAIS DO CINYANJA

Conforme mencionado anteriormente, uma das características das línguas Bantu é de apresentar um sistema de gêneros gramaticais cujos indicadores de gênero devem ser prefixos, através dos quais os nomes podem ser distribuídos em classes. O número destas varia, geralmente, entre 10 e 20 (NGUNGA 2000; SITOIE 1996). Entende-se por classe nominal ao grupo do nome com o mesmo tipo de prefixo e/ou padrão de concordância (BLEEK 1962; GUTHRIE 1967; SITOIE 1974 citados por NGUNGA 2002). A Tabela 2 apresenta um resumo dos prefixos nominais em Cinyanja.

Tabela 2: Classes nominais do Cinyanja

C.N.	Pref.	Semântica do P.B.	Exemplo	Tradução	C. S.	C. O.
1a	mu-	<i>Humanos</i>	<i>mleje</i> ⁷	<i>Caçador</i>	<i>a-, u-</i>	<i>-mu-</i>
1b	Ø-	<i>termos de parentesco, animais personificados</i>	<i>galu</i>	<i>Cão</i>	<i>a-, u-</i>	<i>-mu-</i>
2	a-	<i>honorífico e plural da classe 1</i>	<i>alenje</i>	<i>caçadores</i>	<i>a-</i>	<i>-wa-</i>
3	mu-	<i>árvores, plantas e inanimados</i>	<i>mudzi</i>	<i>Vila</i>	<i>u-</i>	<i>-u-</i>
4	mi-	<i>plural da classe 3</i>	<i>midzi</i>	<i>Vilas</i>	<i>i-</i>	<i>-i-</i>
5a	li-	<i>diversos, coisas emparelhadas, aumentativos</i>	<i>litichowa</i>	<i>batedor de mosca</i>	<i>li-</i>	<i>-li-</i>
5b	Ø-	<i>diversos, coisas emparelhadas, aumentativos</i>	<i>phiri</i>	<i>Montanha</i>	<i>li-</i>	<i>-li-</i>
6	ma-	<i>líquidos, coletivos, plural da classe 5 e outras classes</i>	<i>mapiri</i>	<i>montanhas</i>	<i>a-</i>	<i>-a-</i>
7	ci-	<i>inanimados, maneira/estilo, diminutivos, aumentativos</i>	<i>cipewa</i>	<i>Chapéu</i>	<i>ci-</i>	<i>-ci-</i>
8	dzi-	<i>Plural da classe 7</i>	<i>dzipewa</i>	<i>Chapéus</i>	<i>zi-</i>	<i>-zi-</i>
9	N-	<i>Animais</i>	<i>njuci</i>	<i>Abelha</i>	<i>i-</i>	<i>-i-</i>
10	N-	<i>Plural da classe 9</i>	<i>njuci</i>	<i>Abelhas</i>	<i>zi-</i>	<i>-zi-</i>
11	-					
12	ka-	<i>Diminutivo</i>	<i>kamwana</i>	<i>pequena criança</i>	<i>ka-</i>	<i>-ka-</i>
13	tu-	<i>Plural de 12</i>	<i>tiyana</i>	<i>pequenas crianças</i>	<i>ti-</i>	<i>-ti-</i>
14	u-	<i>Nomes massivos, abstratos e alguns animais. Plural com a classe 2 (a-), ou 6 (ma-) ou sem forma plural (massivos e abstratos)</i>	<i>ufulu</i>	<i>liberdade, direito</i>	<i>u-</i>	<i>-u-</i>
6	ma-	<i>Plural de 14</i>	<i>mawufulu</i>	<i>tipos de direito</i>	<i>a-</i>	<i>-a-</i>
15	ku-	<i>Infinitivo verbal</i>	<i>kuyimba</i>	<i>Cantar</i>	<i>ku-</i>	<i>-k-</i>
16	pa-	<i>Locativo situacional</i>	<i>pansika</i>	<i>no mercado</i>	<i>pa-</i>	<i>-pa-</i>
17	ku-	<i>Locativo direcional</i>	<i>kumudzi</i>	<i>para a vila</i>	<i>ku-</i>	<i>-ku-</i>
18	mu-	<i>Locativo de interioridade</i>	<i>munyumba</i>	<i>dentro de casa</i>	<i>mu-</i>	<i>-mu-</i>

Fonte: Mchombo & Bresnan, 1987 pág. 744; Msaka 2019, pág. 5, adaptado

Tal como nos tínhamos referido em relação à variação das classes nominais nas línguas Bantu, a tabela acima mostra os prefixos nominais independentes em Cinyanja da classe 1 a 18, tendo-se excluído o prefixo da classe 11 por não fazer parte desta língua.

METODOLOGIA

Os dados analisados neste trabalho foram obtidos usando dois métodos a saber: o método filológico, segundo Medeiros, citado por Alfândega (2009:5), que consiste na consulta de documentos escritos relacionados com a matéria em estudo e recorreu-se a Ngunga et al (2022)

para a ortografia. Para a realização do presente estudo, foram revistos diversos trabalhos que versam sobre as nominalizações deverbais e aspectos morfológicos nas línguas Bantu, nomeadamente: Denny e Creider (1986), Lwanga-Lunyiigo e Vansina (1988/2010), Mchombo (2017), Mchombo e Bresnan (1987), Msaka (2019) Ngunga (2000) e Siteo (1996).

O método de introspecção que se assenta no recurso ao conhecimento linguístico do investigador, uma vez, co-autor ser também falante nativa desta língua. Para isso, selecionamos aleatoriamente os verbos e testamos a nominalização deverbal usando, o prefixo da classe 14 (u-/wu-) que representa coisas abstratas e/ou massivas e a vogal final (-o). Fomos percebendo que a (a)gramaticalidade dos nomes derivados depende do verbo aplicado ser de acção “concreta” ou abstracta. Tomemos como exemplo de verbos abstractos *ku-langiz-a* “aconselhar” e *ku-dalir-a* “confiar” onde temos nomes derivados *u-langiz-o* e *u-dalir-o* que significa “maneira de aconselhar” e “maneira de confiar”, respectivamente. Não observamos nos verbos de acção como é o caso de *ku-phik-a* “cozinhar” e *ku-yendets-a* “conduzir” onde os nomes derivados são agramaticais **u-phik-o* e **u-yendets-o*, respectivamente. Devemos salientar que a interpretação de ser um verbo de acção ou abstrato é feita dentro do pensamento linguístico sociocultural dos falantes. Os verbos atestados encontram-se no Apêndice 1 e Apêndice 2.

RESULTADOS

CLASSES HUMANAS (SUBSTANTIVOS AGENTIVOS)

A nominalização é um processo morfológico que converte uma raiz não nominal num nome. Para Picallo (1999, p. 365) referido por Vieira (2009), “o termo nominalização designa simultaneamente a palavra derivada e o processo dessa derivação. Agora observe os dados em (11):

11) *Nominalizações deverbais com prefixo de classe 1*

- | | |
|---|--|
| a) [kulima] _v
‘cultivar’ | → [mu[lim] _{RV} i] _N
‘aquele que cultiva (=camponês/a)’ |
| b) [kulemba] _v
‘escrever’ | → [mu[lemb] _{RV} i] _N
‘aquele que escreve (escritor/a ou secretário/a)’ |
| c) [kuphunzitsa] _v
‘ensinar’ | → [mu[phunzits] _{RV} i] _N
‘professor/a’ |
| d) [kutanhawuza] _v
‘traduzir’ | → [mu[tanthawuz] _{RV} i] _N
‘tradutor/a’ |

Como se pode observar nos exemplos, temos no lado esquerdo verbos e no lado direito nomes. Os exemplos ilustram que em Cinyanja, podem ser formados nomes a partir de diferentes tipos de verbos, como inergativos *muphunzitsi* de *kuphunzitsa*; transitivos em *mulembi* de *kulemba*. Em todos os exemplos temos o prefixo **mu-** que está adicionado à raiz verbal e o sufixo **-i**. Agora vamos mostrar em (12) os mesmos exemplos mas com um sufixo diferente da vogal nominalizadora **-i**.

12) *Prefixação de classe 1 com nominalizador -a*

- | | |
|--|--|
| a) [kulima] _v
‘cultivar’ | → [mu[lim] _{RV} a] _v
‘vai cultivar’ |
|--|--|

- b) [kulemba]_v → [mu[lemb]_{RV}a]_v
 ‘escrever’ ‘vai escrever’
- c) [kuphunzitsa]_v → [mu[phunzits]_{RV}a]_v
 ‘ensinar’ ‘vai ensinar’
- d) [kutanhawuza]_v → [mu[tanthawuz]_{RV}a]_v
 ‘traduzir’ ‘vai traduzir’

Os exemplos em (12) ilustram que se mantermos a vogal final **-a**, adicionado o prefixo **mu-** à raiz verbal, o resultado ainda será uma forma verbal, ou seja uma forma imperativa, exprimindo uma ordem. Assim, fica claro que a vogal **-i** nos exemplos dados em (11) é uma vogal nominalizadora, cujos nomes formados têm papel temático de *agente* na língua em estudo.

Os nomes formados nos exemplos em (11) pertencem à classe 1, todos prefixados pelo morfema **mu-**. A classe 1 faz o plural com a classe 2, o prefixo desta classe é **a-**, como se pode ver nos exemplos em (13):

13) *Nominalizações deverbais com prefixo de classe 2*

- a) [kulima]_v → [a[lim]_{RV}i]_N
 “cultivar” “aqueles que cultivam (=camponeses/as)”
- b) [kulemba]_v → [a[lemb]_{RV}i]_N
 “escrever” “aqueles que escrevem (escritores/as ou secretários/as)”
- c) [kuphunzitsa]_v → [a[phunzits]_{RV}i]_N
 “ensinar” “professores/as”
- d) [kutanhawuza]_v → [a[tanthawuz]_{RV}i]_N
 “traduzir” “tradutores/as”

Os exemplos em (13) mostram que se adicionar o prefixo da classe 2 **a-** à raiz verbal que contém a vogal nominalizadora **-i**, teremos como resultado um nome no plural. Assim, fica claro que os tais prefixos para além de serem derivacionais também são flexionais porque são eles que nos dão informação de género (número).

CLASSES NÃO HUMANAS (SUBSTANTIVOS QUE DENOTAM A EVENTIVIDADE VERBAL)

Em geral, para a formação de substantivos que denotam a eventividade verbal se acrescenta o sufixo nominalizador **-o** e um prefixo nominal anterior à raiz lexical. O mais comum é que o substantivo seja formado pelo acréscimo do prefixo de classe 5, formado, não raro, por morfema zero. Vejamos alguns exemplos com os respectivos plurais na classe 6:

14) *Nominalizações deverbais de classe 5:*

- | | | | | |
|--|---|--|---|---|
| a) <i>ku-phunzits-a</i>
CN15-ensinar-VF
"ensinar" | → | <i>Ø-phunzits-o</i>
CN5-ensinar-NLZ
"ensino" | → | <i>ma-phunzits-o</i>
CN6-ensinar-NLZ
"ensinos" |
| b) <i>ku-phunzir-a</i>
CN15-aprender-VF
"aprender" | → | <i>Ø-phunzir-o</i>
CN5-aprender-NLZ
"aprendizagem/lição" | → | <i>ma-phunzir-o</i>
CN6-aprender-NLZ
"aprendizagens/lições" |
| c) <i>ku-lot-a</i> | → | <i>Ø-lot-o</i> | → | <i>ma-lot-o</i> |

CN15-sonhar-VF "sonhar"		CN5-sonhar-NLZ "sonho"		CN6-sonhar-NLZ "sonhos"
d) <i>ku-lumbir-a</i>	→	<i>Ø-lumbir-o</i>	→	<i>ma-lumbir-o</i>
CN15-prometer-VF "prometer"		CN5-prometer-NLZ "promessa"		CN6-prometer-NLZ "promessas"
e) <i>ku-ganiz-a</i>	→	<i>Ø-ganiz-o</i>	→	<i>ma-ganiz-o</i>
CN15-pensar-VF "pensar"		CN5-pensar-NLZ "pensamento"		CN6-pensar-NLZ "pensamentos"

Nos exemplos em (14) vemos o pareamento de singular e plural prototípico de classe 5 e 6 respectivamente. No entanto, outro conjunto de nominalizações deverbais é feito pelo prefixo de classe 7. Todavia os plurais não são feitos por intermédio da classe 8, como ocorre com substantivos que não são derivados, mas pelo prefixo da classe 6. Vejamos exemplos em (15) a seguir.

15) *Nominalizações deverbais de classe 7:*

a) <i>ku-lemekez-a</i>	→	<i>ci-lemekez-o</i>	→	<i>ma-lemekez-o</i>
CN15-respeitar-VF "respeitar"		CN7-respeitar-NLZ "respeito"		CN6-respeitar-NLZ "respeitos"
b) <i>ku-sokonez-a</i>	→	<i>ci-sokonez-o</i>	→	<i>ma-sokonez-o</i>
CN15-confundir-VF "confundir"		CN7-confundir-NLZ "confusão"		CN6-confundir-NLZ "confusões"
c) <i>ku-tsimikiz-a</i>	→	<i>ci-tsimikiz-o</i>	→	<i>ma-tsimikiz-o</i>
CN15-certificar-VF "certificar"		CN7-certificar-NLZ "certificado"		CN6-certificar-NLZ "certificados"
d) <i>ku-zindikir-a</i>	→	<i>ci-zindikir-o</i>	→	<i>ma-zindikir-o</i>
CN15-reconhecer-VF "reconhecer"		CN7-reconhecer-NLZ "reconhecimento/sinal"		CN6-reconhecer-NLZ "reconhecimentos/sinais"
e) <i>ku-lambir-a</i>	→	<i>ci-lambir-o</i>	→	<i>ma-lambir-o</i>
CN15-adorar-VF "adorar"		CN7-adorar-NLZ "adoração"		CN6-adorar-NLZ "adorações"

Por fim, em uma distribuição menos comum, existem nominalizações deverbais que se realizam por intermédio do prefixo de classe 3, conforme exemplos em (16) a seguir com as respectivas formas plurais. Aqui, o pareamento com o plural de classe 6 é o mais comum, todavia não é o único possível.

16) *Nominalizações deverbais de classe 3:*

a) <i>ku-ciz-a</i>	→	<i>n-ciz-o</i>	→	<i>ma-ciz-o</i>
CN15-curar-VF "curar"		CN3-curar-NLZ "cura"		CN6-curar-NLZ "curas"
b) <i>ku-cenjer-a</i>	→	<i>n-cenjer-o</i>	→	<i>ma-cenjer-o</i>
CN15-ser esperto-VF "ser esperto"		CN3-ser esperto-NLZ "esperteza"		CN6-ser esperto-NLZ "espertezas"
c) <i>ku-belek-a</i>	→	<i>m-belek-o</i>	→	<i>ma-belek-o</i>
CN15-dar a luz-VF		CN3-dar a luz-NLZ		CN6-dar a luz-NLZ

"dar a luz"		"parto"		"partos"
d) <i>ku-kangan-a</i> CN15-discutir-VF "discutir"	→	<i>n-kangan-o</i> CN3-discutir-NLZ "discussão"	→	<i>ma-kangan-o</i> CN6-discutir-NLZ "discussões"
e) <i>ku-kwiya-a</i> CN15-zangar-se-VF "zangar-se"	→	<i>n-kwiya-o</i> CN3-zangar-se-NLZ "zanga"	→	<i>mi-kwiya-o</i> CN4-zangar-se-NLZ "zangas"

Note que no exemplo 16e) o plural é feito pelo prefixo de classe 4, o prototípico plural da classe 3. Isso mostra que apesar de o prefixo de classe 6 ser a estratégia não marcada para o plural de nominalizações deverbais que expressam a eventividade verbal, existem exceções em que se usa os plurais prototípicos de determinada classe nominal.

Como vimos nos exemplos em 14, 15 e 16, a estratégia de nominalização que denota eventividade verbal é idêntica a que forma substantivos deverbais agentivos. As únicas mudanças é que aquela, diferentemente desta, utiliza prefixos de classes nominais não humanas e também o nominalizador -o no lugar do nominalizador -i.

CLASSES NÃO HUMANAS (SUBSTANTIVOS “A MANEIRA DE”)

Outra nominalização recorrente na língua é a que resulta em substantivos que expressam a maneira de se realizar a eventividade expressa no verbo, como já reportado na literatura (MCHOMBO, 2017). Além do prefixo de classe 12, a nominalização se realiza pela adição concomitante do nominalizador -e precedido pela extensão verbal passiva -idw-. conforme exemplos em 17 com as respectivas formas plurais da classe 6.

17) Nominalizações deverbais de classe 12:

a) <i>ku-phunzits-a</i> CN15-ensinar-VF "ensinar"	→	<i>ka-phunzits-idw-e</i> CN12-ensinar-PAS-NLZ "maneira de ensinar"	→	<i>ma-phunzits-idw-e</i> CN6-ensinar-PAS-NLZ "maneiras de ensinar"
b) <i>ku-phunzir-a</i> CN15-aprender-VF "aprender"	→	<i>ka-phunzir-idw-e</i> CN12-aprender-PAS-NLZ "maneira de aprender"	→	<i>ma-phunzir-idw-e</i> CN6-aprender-PAS-NLZ "maneiras de aprender"
c) <i>ku-lemekez-a</i> CN15-respeitar-VF "respeitar"	→	<i>ka-lemekez-edw-e</i> ⁸ CN12-respeitar-PAS-NLZ "maneira de respeitar"	→	<i>ma-lemekez-edw-e</i> CN6-respeitar-PAS-NLZ "maneiras de respeitar"
d) <i>ku-sokonez-a</i> CN15-confundir-VF "confundir"	→	<i>ka-sokonez-edw-e</i> CN12-confundir-PAS-NLZ "maneira de confundir"	→	<i>ma-sokonez-edw-e</i> CN6-confundir-PAS-NLZ "maneiras de confundir"
e) <i>ku-kangan-a</i> CN15-discutir-VF "discutir"	→	<i>ka-kangan-idw-e</i> CN12-discutir-PAS-NLZ "maneira de discutir"	→	<i>ma-kangan-idw-e</i> CN6-discutir-PAS-NLZ "maneiras de discutir"

Todavia, existe outra forma de nominalização que resulta em substantivos “a maneira de”. Esta outra forma é feita por meio do prefixo da classe 14, com nominalizador -o, mas sem uso da extensão passiva. Os exemplos em (18) foram construídos a partir dos mesmos verbos dos exemplos em 17) e são uma forma alternativa à nominalização de classe 12. Não existe uma forma

plural distinta para essa nominalização. Note que a forma de plural é a mesma utilizada para a nominalização de classe 12, feita na classe 6, com a extensão passiva e nominalizador -e (Conferir mais exemplos no Apêndice 1).

18) *Nominalizações deverbais de classe 14:*

a) <i>ku-phunzits-a</i> → <i>u-phunzits-o</i> → <i>ma-phunzits-idw-e</i>		
CN15-ensinar-VF "ensinar"	CN14-ensinar-PAS-NLZ "maneira de ensinar"	CN6-ensinar-PAS-NLZ "maneiras de ensinar"
b) <i>ku-phunzir-a</i> → <i>u-phunzir-o</i> → <i>ma-phunzir-idw-e</i>		
CN15-aprender-VF "aprender"	CN14-aprender-PAS-NLZ "maneira de aprender"	CN6-aprender-PAS-NLZ "maneiras de aprender"
c) <i>ku-lemekez-a</i> → <i>u-lemekez-o</i> → <i>ma-lemekez-edw-e</i>		
CN15-respeitar-VF "respeitar"	CN14-respeitar-PAS-NLZ "maneira de respeitar"	CN6-respeitar-PAS-NLZ "maneiras de respeitar"
d) <i>ku-sokonez-a</i> → <i>u-sokonez-o</i> → <i>ma-sokonez-edw-e</i>		
CN15-confundir-VF "confundir"	CN14-confundir-PAS-NLZ "maneira de confundir"	CN6-confundir-PAS-NLZ "maneiras de confundir"
e) <i>ku-kangan-a</i> → <i>u-kangan-o</i> → <i>ma-kangan-idw-e</i>		
CN15-discutir-VF "discutir"	CN14-discutir-PAS-NLZ "maneira de discutir"	CN6-discutir-PAS-NLZ "maneiras de discutir"

Vale destacar, no entanto, que a nominalização “a maneira de” de classe 14 tem uma aplicação muito mais restrita que a de classe 12. Os exemplos em (19), mostram alguns exemplos em que a formação da nominalização de classe 14 não é possível na língua (Conferir mais exemplos no Apêndice 2).

19) *Nominalizações deverbais agramaticais na classe 14:*

a) <i>ku-yankh-a</i> → <i>ka-yankh-idw-e</i> → <i>*u-yankh-o</i>		
CN15-responder-VF "responder"	CN12-responder-PAS-NLZ "maneira de responder"	CN14-responder-NLZ "maneira de responder"
b) <i>ku-tanthawuz-a</i> → <i>ka-tanthawuz-idw-e</i> → <i>*u-tanthawuz-o</i>		
CN15-traduzir-VF "traduzir"	CN12-traduzir-PAS-NLZ "maneira de traduzir"	CN14-traduzir-NLZ "maneira de traduzir"
c) <i>ku-yankhul-a</i> → <i>ka-yankhul-idw-e</i> → <i>*u-yankhul-o</i>		
CN15-falar-VF "falar"	CN12-falar-PAS-NLZ "maneira de falar"	CN14-falar-NLZ "maneira de falar"
d) <i>ku-wereng-a</i> → <i>ka-wereng-edw-e</i> → <i>*u-wereng-o</i>		
CN15-contar-VF "contar"	CN12-contar-PAS-NLZ "maneira de contar"	CN14-contar-NLZ "maneira de contar"
e) <i>ku-ciz-a</i> → <i>ka-ciz-idw-e</i> → <i>*u-ciz-o</i>		
CN15-curar-VF "curar"	CN12-curar-PAS-NLZ "maneira de curar"	CN14-curar-NLZ "maneira de curar"

Tendo em vista a aplicação reduzida da nominalização de classe 14, na próxima seção nos voltamos para casos em que a nominalização “a maneira de” é possível tanto com prefixo de classe

12 quanto na classe 14, no intuito de mostrar em que situações essa estratégia de nominalização de classe 14 se faz pertinente.

DISCUSSÃO

Em relação às nominalizações deverbais que expressam a eventividade verbal, não nos foi possível identificar um direcionamento semântico que justifique a escolha de prefixos de classe 3, 5 ou 7 na formação do nome derivado. No entanto, é possível afirmar que os substantivos derivados a partir do prefixo de classe 7, tendem a formar nomes mais concretos ou mais materiais. A seguir seguem mais alguns exemplos em (20) e (21) e seu contexto de uso.

- 20) *ku-funsir-a* → *ci-funsir-o*
 CN15-pedir em namoro-VF CN7-pedir em namoro-NLZ
 "pedir em namoro" "pedido de namoro."

Como ocorre na cultura Nyanja e em outras culturas, para se oficializar um namoro é necessário que se ofereça um bem material à família da moça. Este é precisamente o sentido do substantivo “*cifunsiro*”. Não é apenas o acto enunciativo do pedido em si, mas a oferta desse bem para que o namoro se concretize.

- 21) *ku-kumbukir-a* → *ci-kumbukir-o*
 CN15-lembrar-VF CN7-lembrar-NLZ
 "lembrar" "lembança."

“*Cikumbukiro*” não se refere a uma lembrança ou recordação pura e simples que pode ocorrer na mente de um indivíduo. Este substantivo derivado se refere precisamente à técnica ou objeto específico que o indivíduo utiliza para se recordar ou memorizar algo, como amarrar fitas nos dedos, usar algum acrônimo ou mnemônico para conseguir decorar alguma matéria para questões de prova etc.

- 22) *ku-wereng-a* → *wereng-o* → *ci-wereng-o*
 CN15-ler-VF CN5.lembrar-NLZ CN7-lembrar-NLZ
 "ler" "leitura." "participantes."

Em (22), tanto a nominalização em classe 5 quanto a feita em classe 7 é possível. Todavia, enquanto o substantivo feito pelo prefixo nulo da classe 5 se referir a eventividade denotada pelo verbo, neste caso, o acto de leitura, o substantivo derivado por meio do prefixo de classe 7 apresenta o sentido de “participantes”. Mais especificamente, este substantivo está relacionado com o número de pessoas em uma audiência.

Tal tendência mostrada nos dados em (22) está em sintonia com a semântica proposta para o prefixo de classe 7, tal como sugerida para o Proto-Bantu.

Em relação às nominalizações “a maneira de” temos aquelas que se referem ao prefixo que prototipicamente se refere a substantivos abstratos, isto é, o prefixo de classe 14. Esta nominalização tem uma distribuição bem mais restrita na língua, como pudemos apurar pelos dados colectados. Vejamos em (23) as duas nominalizações “à maneira de” possíveis a partir do verbo *kufunsira* = pedir em namoro.

- 23) *ka-funsir-idw-e* → *u-funsir-o*
 CN12-pedir em namoro-PAS-NLZ CN14-pedir em namoro-NLZ
 "maneira de pedir em namoro" "maneira de pedir em namoro"

Como vimos anteriormente com o prefixo da classe nominal 7, culturalmente, a maneira de se concretizar um namoro, por intermédio do envio de um determinado bem para a família da noiva. A nominalização que expressa essa condição acima é aquela feita pelo prefixo da classe 12. O nome derivado a partir do prefixo de classe 14 denota algo intencional, ainda não concretizado e ainda estabelecido apenas no plano das ideias. Como a classe 14 é a que concentra a maior parte dos substantivos que denotam abstrações, tal situação também é compatível com a semântica proposta para o prefixo nos trabalhos sobre o Proto-Bantu.

A partir desses dados é possível sugerir que os nomes deverbais derivados a partir da classe 14 se referem a situações em que a maneira de se realizar algo é ainda idealizada e não levada a cabo de forma concreta, enquanto os nomes deverbais derivados de prefixos da classe 12, prestam ao papel de denotar situações mais concretas ou materiais.

Como exposto anteriormente, a estratégia de nominalização em classe 12 é muito mais difundida na língua do que a estratégia de nominalização em classe 14. Desta forma, os casos em que as duas são possíveis seriam aqueles em que a distinção entre ação concreta e ação apenas no plano das ideias se faz pertinente, enquanto quando tal distinção não é relevante culturalmente, apenas a nominalização em classe 12 está disponível na língua.

CONCLUSÕES

Neste artigo, o objetivo foi descrever e examinar os processos de nominalização deverbal no Cinyanja relativos a classes nominais não humanas, tais como 3, 5, 7, 12, 14 e respectivos plurais. Mostramos que, as nominalizações construídas a partir destes prefixos não formam nomes agentivos, mas denotam a própria eventividade expressa pelo verbo ou a maneira de se desempenhar tal eventividade. Nessas nominalizações não se utiliza a vogal final – i, mas, a raiz pode receber diferentes extensões verbais.

Demonstramos, com exemplos, como é o caso da derivação do nome ‘sonho’ a partir do verbo ‘sonhar’ *ku-lot-a* em que a derivação é feita pelo afixo de classe nominal 5, um afixo nulo, e pelo acréscimo da vogal final – o, formando *lot-o*, com respectivo plural na classe 6: *ma-lot-o*, as estratégias de nominalização. Averiguamos que nem sempre o nome derivado é feito por intermédio do prefixo da classe 5, como no caso do nome ‘louvor’ a partir do verbo ‘louvar’: *ku-tamand-a*, construída com o prefixo da classe 7: *ci-tamand-o*, o mesmo com a derivação do nome ‘cura’ a partir do verbo ‘curar’: *ku-ciz-a*, feita por meio de prefixo da classe 3, *n-ciz-o*. Todavia, constatamos que, independente do prefixo utilizado na formação do nome deverbal singular, nas classes não humanas, o plural é sempre feito pelo prefixo de classe 6, a luz dos dados acima apresentados, *ma-tamand-o* e *ma-ciz-o*, respectivamente.

Também discutimos outro processo de nominalização deverbal que deriva nomes “a maneira de”. A sua formação nesta língua é por intermédio do prefixo da classe 12 com a concomitante sufixação da extensão de passivização –*idw-* e a vogal final *e*: é o que acontece com o verbo ‘dirigir’: *ku-yendets-a* formando ‘a maneira de dirigir’: *ka-yendets-edw-e* (MCHOMBO, 2017).

Por fim, apuramos, outra forma activa na língua, porém menos produtiva, de formação da nominalização “a maneira de” que é formada a partir do prefixo de classe 14 com a vogal final – o. Como é o caso do verbo ‘ensinar’ *ku-phunzits-a*. A ‘maneira de ensinar’ pode ser expressa no

Cinyanja de duas maneiras, a saber: *ka-phunzits-idwe* ou *u-phunzits-o*. Portanto, devemos salientar que, independentemente da nominalização de verbal singular utilizada, o plural será feito com o prefixo de classe nominal 6 e sufixação de *-idwe*, no caso, *ma-phunzits-idw-e*, significando, “*maneiras de ensinar*”. Por fim, propomos que a diferença entre os nomes derivados “a maneira de” ocorre pelo fato de que os nomes feitos na classe 12 são mais concretos e os em classe 14 são mais abstratos. Quando as duas estratégias estão disponíveis na língua são situações que culturalmente relevantes distinguir as duas noções. Já quando tal distinção não é culturalmente relevante, apenas a estratégia em classe 12 está disponível na língua.

Contribuição dos autores

Todos os autores fizeram uma contribuição significativa no trabalho, quer seja na concepção, execução, aquisição de dados, análise e interpretação; tomaram parte na preparação e revisão crítica do manuscrito; deram a sua aprovação na versão final do manuscrito submetido para ser publicado; participaram na selecção da revista em que o manuscrito foi submetido e tem responsabilidade em todos os aspectos relacionados com este trabalho.

Interesses conflitantes

Os autores declaram não haver potenciais interesses conflitantes no que diz respeito a pesquisa, autoria e publicação deste artigo

REFERÊNCIAS

- ALFÂNDEGA, P. B. **A Locativização em Cisena. Dissertação** (Mestrado em Linguística) – FLCS, UEM: Maputo. 2009.
- BLEEK, W. H. I. **A comparative grammar of South African languages**. Cape Town and London: J.C. Juta and Trubner & Co, 1862.
- BRESNAN, J.; MCHOMBO S. A. **Topic, Pronoun, and Agreement in Chicheŵa**. 1987. 741–782 pp.
- CHARTERIS-BLACK, J. Speaking with forked tongue: a comparative study of metaphor and metonymy in English and Malay phraseology. **Metaphor and Symbol**, n. 18, v. 4, 2003.
- DENNY, J. P; CREIDER, C. A. The semantics of noun classes in Proto-Bantu. In: CRAIG C. G. (ed.). **Noun Classes and Categorization**. Typological Studies in Language. The Netherlands: John Benjamins Publishing Company, 1986.
- DIMMENDAAL, G. **Historical Linguistics and the Comparative Study of African Languages**. The Netherlands: John Benjamins Publishing Company, 2011.
- GREENBERG, J. H. **The languages of Africa**. Indiana: Univ, 1966.
- GREENBERG, J. H. Classificação das línguas da África. In: Ki-Zerbo J. (ed.). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2 ed. Brasília: UNESCO, 1981/ 2010. 317-336 p.
- GUTHRIE, M. **Comparative Bantu: An Introduction to the Comparative Linguistics and Prehistory of the Bantu Languages**. Farnborough: Gregg International, 1967-1971.

- HURSKAINEN, A. Noun Classification in African Languages. In: UNTERBECK, B.; et al. **Gender in Grammar and Cognition**. Trends in Linguistics. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2000.
- KATAMBA, F. Bantu Nominal Morphology. In: Nurse, D.; Philippson, G. (ed.) **The Bantu languages**. London: Routledge, 2003.
- KIEBLING, R. **Borderline cases in Grassfields Bantu morphology and their historical significance in a wider (Benue-Congo) perspective**. In. WORLD CONGRESS OF AFRICAN LINGUISTICS, 6th. University of Cologne, 2009.
- KLEINEWILLINGHOFFER, U. **Relationship between Adamawa and Gur: the case of Waja and Tula**. Gur Papers/Cahiers: Voltaïques, 1996. 25-45 pp.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor: A Practical Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar**. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LIPHOLA, M. **Aspects of phonology and morphology of Shimakonde**. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Curso de Pós-Graduação em Linguística, Ohio State University, Ohio, 2002.
- LWANGA-LUNYIIGO, S; VANSINA, J. Os povos falantes de Bantu e sua expansão. In: EL FASI, M.; HRBEK, L. (ed.). **História Geral da África III – África do século VII ao XI**. 2 ed. Brasília: UNESCO, 1988/2010. 169-196 pp.
- MAHO, J. F. **A comparative study of Bantu noun classes**. Gothenburg: Acta Universitatis Gothoburgensis. 1999.
- MATSUKI, K. Metaphors of anger in Japanese. In TAYLOR, J. R. & MACLAURYR. (Eds.), **Language and the cognitive construal of the world** (pp. 137–151). Berlin: Mouton de Gruyter. 1995.
- MCHOMBO, S. A. Chichewa (Bantu). In: Spencer, A.; Zwicky, A. M. **The Handbook of Morphology**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2017. 500-520 pp.
- MEINHOF, C; VAN WARMELO, N. J. **Introduction to the phonology of the Bantu languages**. Berlin: Dietrich Reimer, 1931.
- MEEUSSEN, A. **Bantu grammatical reconstructions**. Africana Linguística: Tervuren, 1967. 79-121 pp.
- MSAKA, K. Nominal Classification in Bantu Revisited: The Perspective from Chichewa. 2019. **Dissertação (Mestrado em linguística)** - Stellenbosch University, Stellenbosch.
- NGUNGA, A. **Apontamentos de Linguística Bantu**. Maputo: Faculdade de Letras-UEM, 2000.
- NGUNGA, A.; et al. **Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do IV Seminário**. Maputo: UEM, Imprensa Universitária, 2022.
- NURSE, D; PHILIPPSON, G. **The Bantu languages**. London: Routledge, 2003.

SHORE, B. **Culture in Mind: Cognition, Culture, and the Problem of Meaning**. New York: Oxford University Press. 1995.

SITOE, B. **Resultados de Estudo de Introdução de Melhorias na Ortografia da Língua Tsonga**. (ms Policopiado), 1996.

VIEIRA, I. **Nominalizações em -da**: Uma aproximação. Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2009. 58-70 pp.

WELMERS, W. E. **African Language Structures**. Berkeley: UCP, 1973.

YU, N. **The contemporary theory of metaphor: A perspective from Chinese**. Amsterdam: John Benjamins. 1998.

ABREVIATURAS:

C.S. = Concordância de Sujeito

C.O. = Concordância de Objeto

CN = classe nominal

DEM = Pronome Demonstrativo

MTA = Marca de tempo e Aspecto

N = Sintagma nominal

NLZ = Nominalizador

PAS = extensão passivadora

P.B. = Proto-Bantu

PREF. = Prefixo.

RV = Raiz verbal

V = Sintagma verbal

VF = vogal final

Apêndice 1 - Lista de nominalizações deverbais gramaticais de classe 14⁹

Verbo (Infinitivo) (cn15-raiz-vf)	Nominalização (a maneira de) (cn14-raiz-nlz)	Nominalização (as maneira de) (cn6-raiz-pas-nlz)	Nominalização (singular) (Ø-raiz-nlz)	Nominalização (plural) (cn6-raiz-nlz)	Tradução (verbo)
ku-pemph-a	u-pemph-o	ma-pemph-edw-e	pemph-o ci-pemph-o (aumentativo)	ma-pemph-o zi-pemph-o (sinônimos)	pedir
ku-phunzits-a	u-phunzits-o	ma-phunzits-idw-e	phunzits-o	ma-phunzits-o	ensinar
ku-phunzir-a	u-phunzir-o	ma-phunzir-idw-e	phunzir-o	ma-phunzir-o	aprender
ku-lingalir-a	u-lingalir-o	ma-lingalir-idw-e	lingalir-o	ma-lingalir-o	ter uma ideia
ku-lot-a	u-lot-o	ma-lot-edw-e	lot-o	ma-lot-o	sonhar
ku-lumbir-a	u-lumbir-o	ma-lumbir-idw-e	lumbir-o	ma-lumbir-o	prometer
ku-ganiz-a	u-ganiz-o	ma-ganiz-idw-e	ganiz-o	ma-ganiz-o	pensar
ku-thandiz-a	u-thandiz-o	ma-thandiz-idw-e	thandiz-o	ma-thandiz-o	ajudar
ku-tonthoz-a	u-tonthoz-o	ma-tonthoz-edw-e	tonthoz-o	ma-tonthoz-o	consolar
ku-dalits-a	u-dalits-o	ma-dalits-idw-e	dalits-o	ma-dalits-o	abençoar
ku-lengez-a	u-lengez-o	ma-lengez-edw-e	lengez-o	ma-lengez-o	anunciar
ku-langiz-a	u-langiz-o	ma-langiz-idw-e	langiz-o	ma-langiz-o	aconselhar
ku-fun-a	u-fun-o	ma-fun-idw-e	fun-o	ma-fun-o	querer
ku-dalir-a	u-dalir-o	ma-dalir-idw-e	dalir-o	ma-dalir-o	confiar
ku-tsuts-a	u-tsuts-o	ma-tsuts-idw-e	tsuts-o	ma-tsuts-o	opor-se
ku-limbikits-a	u-limbikits-o	ma-limbikits-idw-e	limbikits-o	ma-limbikits-o	encorajar
ku-tamand-a	u-tamand-o	ma-tamand-idw-e	ci-tamand-o (cl 7)	ma-tamand-o	louvar
ku-kondwer-a	u-kondwer-o	ma-kondwer-edw-e	ci-kondwer-o	ma-kondwer-o	alegrar-se
ku-sangalal-a	u-sangalal-o	ma-sangalal-idw-e	ci-sangalal-o	ma-sangalal-o	ficar feliz
ku-lambir-a	u-lambir-o	ma-lambir-idw-e	ci-lambir-o	ma-lambir-o	adorar
ku-nenez-a	u-nenez-o	ma-nenez-edw-e	ci-nenez-o	ma-nenez-o	dedurar
ku-lemekez-a	u-lemekez-o	ma-lemekez-edw-e	ci-lemekez-o	ma-lemekez-o	respeitar
ku-sokonez-a	u-sokonez-o	ma-sokonez-edw-e	ci-sokonez-o	ma-sokonez-o	confundir
ku-tsimikiz-a	u-tsimikiz-o	ma-tsimikiz-idw-e	ci-tsimikiz-o	ma-tsimikiz-o	certificar
ku-zindikir-a	u-zindikir-o	ma-zindikir-idw-e	ci-zindikir-o	ma-zindikir-o	reconhecer
ku-funsir-a	u-funsir-o	ma-funsir-idw-e	ci-funsir-o	ma-funsir-o	pedir namoro
ku-pats-a	u-pats-o	ma-pats-idw-e	ci-pats-o	ma-pats-o	dar
ku-pulumuts-a	u-pulumuts-o	ma-pulumuts-idw-e	ci-pulumuts-o	ma-pulumuts-o	salvar
ku-kambiran-a	u-kambiran-o	ma-kambiran-idw-e	ci-kambiran-o	ma-kambiran-o	conversar
ku-kumbukir-a	u-kumbukir-o	ma-kumbukir-idw-e	ci-kumbukir-o	ma-kumbukir-o	relembrar
ku-tumikir-a	u-tumikir-o	ma-tumikir-idw-e	ci-tumikir-o	ma-tumikir-o	servir
ku-kwiy-a	u-kwiy-o	ma-kwiy-idw-e	n-kwiy-o (cl 3)	mi-kwiy-o (cl 4)	zangar-se
ku-kangan-a	u-kangan-o	ma-kangan-idw-e	n-kangan-o	ma-kangan-o mi-kangan-o	discutir
ku-belek-a	u-belek-o	ma-belek-edw-e	m-belek-o	ma-belek-o	dar a luz

Apêndice 2 - Lista de nominalizações deverbais agramaticais de classe 14

Verbo (Infinitivo) (cn15-raiz-vf)	Nominalização (a maneira de) (cn14-raiz-nlz)	Nominalização (as maneira de) (cn6-raiz-pas-nlz)	Nominalização (singular) (Ø-raiz-nlz)	Nominalização (plural) (cn6-raiz-nlz)	Tradução (verbo)
ku-yankh-a	*u-yankh-o	ma-yankh-idw-e	yankh-o	ma-yankh-o	responder
ku-tanthawuz-a	*u-tanthawuz-o	ma-tanthawuz-idw-e	tanhawuz-o	ma-tanthawuz-o	traduzir
ku-gaw-a	*u-gaw-o	ma-gaw-idw-e	gaw-o	ma-gaw-o	dividir
ku-lemb-a	*u-lemb-o	ma-lemb-edw-e	lemb-o	ma-lemb-o	escrever
ku-wereng-a	*u-wereng-o	ma-wereng-edw-e	wereng-o	ma-wereng-o	ler
ku-won-ets-a	*u-won-ets-o	ma-won-ets-edw-e	ci-won-ets-o	ma-won-ets-o	mostrar
ku-dziw-a	*u-dziw-o	ma-dziw-idw-e	ci-dziw-its-o	ma-dziw-its-o zi-dziw-its-o	saber
Ku-wonong-a	*u-wonong-o	ma-wonong-edw-e	ci-wonong-o	ma-wonong-o	destruir
Ku-mang-a	*u-mang-o	ma-mang-idw-e	ci-mang-o	ma-mang-o	construir
ku-yankhul-a	*u-yankhul-o	ma-yankhul-idw-e	ci-yankhul-o	ma-yankhul-o	falar
ku-wereng-a	*u-wereng-o	ma-wereng-edw-e	ci-wereng-o	ma-wereng-o	contar
ku-yimb-a	*u-yimb-o	ma-yimb-idw-e	ci-yimb-o	ma-yimb-o	cantar
ku-*ungan-a	*u-kangan-o	ma-kangan-idw-e	ci-kangan-o	ma-kangan-o	discutir
ku-fotokoz-a	*u-fotokoz-o	ma-fotokoz-edw-e	?ci-fotokoz-o	?ma-fotokoz-o	relatar
ku-kulits-a	*u-kulits-o	ma-kulits-idw-e	ci-kulits-o	ma-kulits-o	ampliar
ku-yend-ets-a	*u-yend-ets-o	ma-yend-ets-edw-e	ci-yendets-o (Volante)	ma-yend-ets-o	dirigir
ku-nyeng-a	*u-nyeng-o	ma-nyeng-edw-e	ci-nyeng-o	Ma-nyeng-o zi-nyeng-o	enganar
ku-cenjer-a	*u-cenjer-o	ma-cenjer-edw-e	n-cenjer-o	ma-cenjer-o	ser esperto
ku-ciz-a	*u-ciz-o	ma-ciz-idw-e	n-ciz-o	ma-ciz-o	curar
ku-yend-a	*u-yend-o	ma-yend-edw-e	mu-yend-o (perna)	ma-yend-o	andar
ku-pululuk-a	*u-pululuk-o	ma-pululuk-idw-e	n-pululuk-o	?ma-pululuk-o	escapar
ku-dy-a	*u-dy-o	ma-dy-idw-e	mu-dy-o (algo que dá vontade de comer)	ma-dy-o (coisas que dão vontade de comer)	comer
ku-win-a	*u-win-o	ma-win-idw-e	?mu-win-o (vencedor)	?a-win-o	vencer
ku-pew-a	*u-pew-o	ma-pew-edw-e	*pew-o	*ma-pew-o	evitar
ku-peza-a	*u-peza-o	ma-peza-edw-e	*peza-o	*ma-peza-o	encontrar
ku-pat-a	*u-pat-o	ma-pat-idw-e	*pat-o	*ma-pat-o	obter
ku-pent-a	*u-pent-o	ma-pent-edw-e	*pent-o	*ma-pent-o	pintar
ku-thaw-a	*u-thaw-o	ma-thaw-idw-e	*thaw-o	*ma-thaw-o	fugir
ku-ses-a	*u-ses-o	ma-ses-edw-e	*ses-o	*ma-ses-o	varrer
ku-sek-a	*u-sek-o	ma-sek-edw-e	*sek-o	?ma-sek-o	rir
ku-low-a	*u-low-o	ma-low-edw-e	*low-o	*ma-low-o	entrar
ku-luz-a	*u-luz-o	ma-luz-idw-e	*luz-o	*ma-luz-o	perder
ku-phik-a	*u-phik-o	ma-phik-idw-e	*phik-o	*ma-phik-o	cozinhar

ku-gomer-a	*u-gomer-o	ma-gomer-edw-e	*gomer-o	*ma-gomer-o	admirar
ku-cir-a	*u-cil-o	ma-cil-idw-e	*cil-o	?ma-cil-o	curar-se
ku-won-a	*u-won-o	ma-won-edw-e	*won-o	*ma-won-o	ver
ku-yang'an-a	*u-yang'an-o	ma-yang'an-idw-e	*yang'ano	?ma-yang'an-o	olhar
ku-pang-a	*u-pang-o	ma-pang-idw-e	*pang-o	*ma-pang-o	fazer
ku-nen-a	*u-nen-o	ma-nen-edw-e	*nen-o ci-nen-er-o (língua)	ma-nen-er-o (formas de) Zi-nen-er-o	dizer
ku-val-a	*u-val-o	ma-val-idw-e	*val-o covala (roupa)	*ma-val-o Zovala	vestir
ku-mv-a	*u-mv-o	ma-mv-edw-e	*mv-o	*ma-mv-o	entender
ku-yimir-a	*u-yim-o	ma-yim-idw-e	*yim-o	*ma-yim-o	representar

¹ Conferir: <http://archive.ethnologue.com/16/home.asp>

² O *Etnologue* parece utilizar uma classificação ligeiramente adaptada de Greenberg, considerando o Níger-congo uma família linguística, sendo o Kordofariano apenas um ramo dela.

³ Sobre esse aspecto, o autor argumenta: "A divisão fundamental do grupo Níger-Congo está entre as línguas mande e o restante. O mande distingue-se pela ausência de muitos dos itens lexicais mais comuns encontrados nas línguas do Níger-Congo e pela ausência de qualquer traço preciso de classificação nominal, geralmente encontrados no kordofaniano e no resto do Níger-Congo" (GREENBERG, 1981/ 2010, p. 330).

⁴ Do original: 1-Semantic structure is not universal; it is language-specific to a considerable degree. Further, semantic structure is based on conventional imagery and is characterized relative to knowledge structures. 2-Grammar (or syntax) does not constitute an autonomous formal level of representation. Instead, grammar is symbolic in nature, consisting in the conventional symbolization of semantic structure. 3-There is no meaningful distinction between grammar and lexicon. Lexicon, morphology, and syntax form a continuum of symbolic structures, which differ along various parameters but can be divided into separate components only arbitrarily. (LANGACKER, 1987, p. 3, tradução nossa.)

⁵ A estratégia da formação de classes nominais via prefixação é a mais recorrente dentro do tronco Nígero-congolês. Exceções a este padrão são encontradas em línguas das famílias Adamawa, Gur, Kru, Atlântica e dos subgrupos Nupoide Jukonoide e Platoide da família Benue-Congo. Remetemos o leitor a Dimmendaal 2011, p. 290 para discussão. Conferir também Kleinewillinghöfer (1996) e Hurskainen (2000) e Kießling (2009).

⁶ Chichewa é uma variante da língua Nyanja falada no Malawi.

⁷ Neste exemplo e no exemplo da classe 18, ocorre redução de prefixo para Nasal em que o prefixo perde a vogal alta (Veja discussão em: Liphola, 2001, pág. 57 sobre o mesmo fenômeno na língua Makonde.).

⁸ A vogal alta da extensão verbal se realiza como vogal média neste e em outros exemplos devido ao fenômeno de harmonia vocálica progressiva, em que o traço de altura da vogal é afetado pelo traço de altura da vogal anterior presente na raiz lexical.

⁹ Tanto no apêndice 1 quanto no apêndice 2, as nominalizações "a maneira de" são gramaticais se formadas com o prefixo de classe 12.